

**CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARICÁ
EDITAL SEMED Nº 1/2024**

RESPOSTAS AOS RECURSOS

TÓPICOS:

- Língua Portuguesa
- Fundamentos da Educação
- Conhecimentos Específicos

Cargo: Docente II

Nº da Questão	Opção de resposta por extenso	Parecer da Banca	Deferido ou Indeferido	Questão anulada ou Opção de Resposta correta
01	(A) apresentar um tema do cotidiano	<p>“A paz de Santa Maria de Maricá”, de Rubem Braga, é considerada uma crônica porque apresenta um tema do cotidiano, isto é, em um texto relativamente curto, com personagens que agem em um determinado tempo e espaço, relata acontecimentos corriqueiros, colocados em tela para um comentário, no caso, a respeito da paz própria do lugar a que se refere o texto. Em outras palavras, a presença do tema do cotidiano é o que comprova ser o texto uma crônica.</p> <p>Está incorreto, portanto, afirmar que <i>usar animais como protagonistas</i> é característica desse gênero textual, pois, embora possa haver protagonistas antropomorfizados em alguma crônica, essa é a marca principal das fábulas, além de, no caso em questão, os protagonistas não serem animais (“Somos quatro homens vadios”). Também está incorreto afirmar que a característica de <i>predominar a estrutura descritiva</i> seja própria de uma crônica, porque, embora haja elementos descritivos no texto, identificar e qualificar não são os aspectos</p>	INDEFERIDO.	(A)

		<p>predominantes, nem fundamentais de uma crônica. Além disso, ainda que as crônicas de Rubem Braga sejam conhecidas pela excelência das descrições que ele faz e como as descrições estão presentes, em alguma medida, em todo gênero discursivo (por exemplo, em um anúncio classificado, em uma bula de remédio), sua presença não comprova o fato de o texto em questão ser categorizado como crônica. As descrições, portanto, não são marca fundamental da crônica. A alternativa <i>empregar o discurso direto</i> está incorreta porque, mesmo sendo usual a presença de discurso direto em crônicas para representar falas de personagens, a única interlocução no texto é a do autor com o leitor. A opção <i>conter a biografia do autor</i> também não está correta, pois o caráter biográfico nem sempre se apresenta em uma crônica e, no texto em questão, embora seja bastante realista, não se pode provar a factualidade do que é relatado.</p>		
02	(E) adjunto adverbial ¹ , objeto indireto ² ; sujeito ³	<p>A expressão “<u>No quintal de um hotel de Maricá</u>” exprime uma circunstância de lugar, assumindo, portanto, a função sintática acessória de <i>adjunto adverbial de lugar</i>. O verbo “assistir”, na acepção de “presenciar”, é transitivo indireto, exigindo, portanto, como complemento verbal, <i>objeto indireto</i>, no caso, <u>aos folguedos de um papagaio, um gato e um cachorro</u>. O pronome relativo “que”, anafórico, que recupera, na oração adjetiva, os antecedentes “um papagaio, um gato e um cachorro”, é o <i>sujeito</i> da oração adjetiva “que brincavam de brigar na maior camaradagem.”</p> <p>“<u>No quintal de um hotel de Maricá</u>”, portanto, não exerce a função de <i>complemento nominal</i>, pois não é complemento, é termo acessório, além de não completar nenhum nome; também não funciona como <i>objeto direto</i> ou <i>objeto indireto</i>, porque não é complemento verbal e nem <i>agente da passiva</i>, uma vez que a oração nem está na voz passiva.</p> <p>O enunciado “<u>aos folguedos de um papagaio, um gato e um cachorro</u>”, por conseguinte, não pode assumir as funções sintáticas de <i>agente da passiva</i>, uma vez que a frase está na voz ativa; <i>predicativo</i>, pois não expressa estado ou qualidade em referência a um nome em predicado nominal ou verbo-nominal; nem <i>sujeito</i>, já que o sujeito da oração é desinencial, ou implícito, “nós”, lembrando, ainda, que o termo sujeito jamais pode vir precedido de preposição, e tampouco <i>objeto direto</i>,</p>	INDEFERIDO.	(E)

		<p>porque não completa nenhum verbo transitivo direto; o verbo, como já explicitado, é transitivo indireto nessa acepção.</p> <p>O pronome relativo “<u>que</u>”, como sujeito do verbo “brincavam” não pode, obviamente, ser <i>objeto direto</i> desse verbo, que é intransitivo, não tendo, portanto, complemento verbal; também não funciona como <i>adjunto adverbial</i>, já que não expressa uma circunstância; tampouco o pronome pode exercer a função de <i>complemento nominal</i>, pois não completa nomes e, muito menos, a de <i>predicativo</i>, porque não expressa estado ou qualidade em referência a um nome em predicado nominal ou verbo-nominal</p>		
03	(B) “menores” é um termo substantivado	<p>O termo “menor”, prototipicamente, representa o grau comparativo de superioridade do adjetivo “pequeno”. Trata-se de uma formação anômala, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 260), já que o comparativo de superioridade se forma, regularmente, com a anteposição do advérbio “mais” ao adjetivo.</p> <p>No caso em análise, por estar precedido de artigo - “(d)os menores” –, o adjetivo sofre substantivação, por derivação imprópria ou conversão, processo em que se verifica a mudança de classe de uma palavra. Ocorre substantivação com qualquer classe de palavra quando se lhe antepõe um artigo.</p> <p>As demais opções estão incorretas. Não se pode dizer que “<i>maior</i>” indica grau <i>superlativo absoluto sintético</i>, pois o superlativo absoluto sintético forma-se com o acréscimo dos sufixos -íssimo(a) e, eventualmente, -lmo(a), -rimo(a), além disso, “maior” não pode ser classificado como substantivo, já que acompanha o substantivo “pessoa”, caracterizando-o, sendo, assim, um adjetivo. Também incorreta está a opção “<i>maior</i>” é um termo <i>abreviado</i>, porque não há um termo primitivo de que se abrevie “maior”. Igualmente errada está a opção “<i>menores</i>” indica grau <i>comparativo de inferioridade</i>, porque “menor” indica grau comparativo de superioridade, e não de inferioridade, equivalendo à forma popular “mais pequeno (que)”, daí ser comparativo de superioridade. O comparativo de inferioridade seria “menos pequeno (que). Finalmente, é inaceitável, também, a opção <u><i>ambas estão no grau comparativo relativo</i></u>, uma vez que <u>não existe, na gramática da Língua Portuguesa, o grau comparativo relativo</u>, mas sim, <u>superlativo relativo</u>, que pode ser de superioridade ou de inferioridade,</p>	INDEFERIDO.	(B)

		quando, respectivamente, sobreleva-se ou diminui-se a qualidade, destacando o objeto ou ser em relação a outros: “Ele é o mais estudioso da sala./ Ele é o menos estudioso da sala.”		
04	(C) uma oração intercalada	<p>A vírgula separa a oração intercalada “estejam certos”, que marca a presença do narrador no enunciado, interpelando os leitores. Estão incorretas, portanto, as opções para separar o <i>discurso indireto</i>, pois “estejam certos” não reproduz palavras de um personagem ditas pelo narrador; o <i>adjunto adverbial antecipado</i> porque não há adjunto adverbial nessa oração; a <i>2ª pessoa do discurso</i>, já que, embora o enunciador se dirija aos leitores, as vírgulas não se prestam a indicar a presença dessa 2ª pessoa e, ainda, a opção <i>um aposto explicativo</i>, visto que não há aposto no enunciado em análise, sabendo-se que o aposto é um termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, ou termo equivalente a título de explicação.</p>	INDEFERIDO.	(C)
05	(E) regressiva; prefixal e sufixal	<p>A derivação regressiva é um processo de formação de palavras em que de uma forma verbal se deriva um substantivo, chamado “deverbal”; esse substantivo forma-se pela adjunção de uma das três vogais temáticas nominais da Língua Portuguesa, a saber: a, e, o. No caso em análise, do verbo “brigar”, formou-se o deverbal “briga”, usado, no texto, no plural. Em “coexistência”, percebe-se nitidamente a adjunção do prefixo “co-“ à base “existência”, seu constituinte imediato, e, em “caixote”, a adjunção do sufixo “-ote” à base “caixa”.</p> <p>Observação acerca da análise dos elementos mórficos de uma palavra:</p> <p>Em relação à derivação sobre forma já derivada, José Carlos Azeredo, em sua <i>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa</i>, afirma que casos como <i>descarregamento</i> - des + carrega(r) + mento - devem ser analisados como derivação em dois estágios. O prefixo <i>des-</i> é acrescentado a um substantivo da atual sincronia (des + carregamento) que, antes, já recebera um sufixo -mento [carrega(r) + mento], que significa “ato de X”. (Azeredo, José Carlos de. <i>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa</i>. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008. p. 450-451).</p> <p>Além disso, segundo Evanildo Bechara, em sua <i>Moderna Gramática Portuguesa</i>, “[o]s procedimentos de formação de palavras podem</p>	INDEFERIDO.	(E)

combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações 'prévias' cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, (...)

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em + barco* (=> embarcar) e modificação (=> *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem à nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como **constituintes imediatos**, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico => enriquecer => enriquecimento

nação => nacional => nacionalizar => nacionalização”.

(Bechara, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. ver., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 481. Grifos nossos)

Com base nesse raciocínio, temos *existir* => *existência* => *coexistência*. Os constituintes imediatos a serem considerados no processo em análise são *co + existência*, ainda que o prefixo tenha sido adjungido a uma base já desenvolvida, constituída por radical + sufixo (*existência*).

Em relação ao vocábulo “brigas”, não se pode, por conseguinte, considerar a opção *derivação imprópria* ou conversão, pois não há mudança da classe gramatical da palavra, nem tampouco considerar a opção *derivação parassintética*, uma vez que não há a adjunção simultânea de prefixo e sufixo. Também está incorreta a opção *derivação sufixal*, porque não ocorre acréscimo de sufixo.

Relativamente ao vocábulo “coexistência”, estão incorretas as opções *derivação sufixal* (acrescenta-se prefixo, e não sufixo à base “existência”), *prefixal e sufixal* (não se acrescentam prefixo e sufixo à base, considerando-se o recorte atual da língua, em que se tem

		<p>acréscimo somente de prefixo: “co + existência”) e nem <i>parassintética</i> (não há a adjunção simultânea de prefixo e de sufixo). Finalmente, é também inaceitável a opção <i>por amálgama</i>, já que não ocorre a fusão arbitrária de dois lexemas, “com finalidade expressiva e circunstancial” (AZEREDO, Gramática Houaiss da LP, 2008, p.446).</p> <p>Quanto ao vocábulo “caixote”, não se pode considerar a opção <i>derivação prefixal</i>, já que há o acréscimo de sufixo, e não de prefixo. Tampouco ocorre <i>derivação regressiva</i>, pois não há a formação de um deverbal e, muito menos, há a derivação <i>por conversão</i>, ou imprópria, já que a palavra não muda de classe gramatical.</p>		
06	(A) hipérbole; personificação; metáfora	<p>A <i>hipérbole</i> é uma figura de pensamento que se caracteriza pelo exagero da ideia. É o que ocorre no enunciado “O gatinho, usando de mil astúcias,...”; a <i>personificação</i>, por sua vez, consiste em atribuir vida a algo inanimado, como em “praça sonolenta”, e a <i>metáfora</i> é uma figura de linguagem em que se altera o sentido de uma palavra pelo acréscimo de um segundo significado, quando há uma relação de semelhança, de interseção entre o sentido de base e o sentido acrescentado, como ocorre em “O alto-falante é a grande praga do interior...” , em que se associa a ideia negativa de uma praga à atuação incômoda de um alto-falante em uma cidade do interior.</p> <p>Em relação ao enunciado “O gatinho, usando de mil astúcias,” pode-se, portanto, constatar que as demais opções estão erradas. Vejamos: não se trata de <i>metonímia</i>, pois não há a substituição de um termo por outro por uma relação cuja lógica se dá pela contiguidade de ideias; também não ocorre nem <i>antítese</i>, já que não se expressam significados opostos, nem <i>ironia</i>, uma vez que não se leva o interlocutor a compreender o oposto do que se fala e, muito menos, <i>sinestesia</i>, porque não há cruzamento de sensações.</p> <p>Quanto ao enunciado “Na praça sonolenta...”, estão incorretas as opções <i>sinestesia</i>, porque não há o cruzamento de sensações, <i>metáfora</i>, já que não há comparações implícitas, <i>eufemismo</i>, pois não se verifica o abrandamento de ideias e <i>metonímia</i>, porque não há a substituição de um termo por outro com base em uma relação de contiguidade.</p> <p>Em relação ao enunciado “O alto-falante é a grande praga do interior...” estão incorretas as opções <i>personificação</i>, pois não se personificam seres inanimados, <i>hipérbole</i>, já que não se verifica o exagero da ideia,</p>	INDEFERIDO.	(A)

		<i>ironia</i> , uma vez que não se leva o interlocutor a compreender o oposto do que se fala e, muito menos, <i>sinestesia</i> , porque não há o cruzamento de sensações.		
07	(A) uma forma anafórica que retoma “Fazenda de São Bento (São José do Imbassaí)”	<p>“Onde” retoma o termo anterior <i>Fazenda de São Bento (São José do Imbassaí)</i> – como forma anafórica (remissiva) –, além de unir as orações do período e servir como adjunto adverbial da oração “(onde) foi construída a primeira capela dedicada à Nossa Senhora do Amparo”, no sentido de “nesse lugar”.</p> <p>Não é correto afirmar que “onde” é um <i>conector oracional que assume a função de sujeito de “foi construída...”</i>, pois, embora una as orações do período, não tem a função de sujeito de “foi construída” (o sujeito dessa oração é “a primeira capela dedicada à Nossa Senhora do Amparo”). Não se trata de <i>um elemento adnominal que antecipa “a primeira capela dedicada à Nossa Senhora do Amparo”</i>, porque não antecipa esse termo, mas retoma aquele que o precede e também não é um elemento adnominal, e sim adverbial. Não é possível afirmar que “onde” é <i>uma conjunção subordinativa que substitui “O primeiro centro efetivo da população”</i>, pois conjunções subordinativas não têm função de substituição. Finalmente, não se pode considerar <i>uma estrutura que atua na elipse do adjunto adverbial “à Fazenda de São Bento”</i>, porque há um elemento ocupando o lugar do adjunto adverbial: onde, não ocorrendo, portanto, o apagamento.</p>	INDEFERIDO.	(A)
08	(D) causa	<p>O adjunto adverbial antecipado no enunciado “<u>Com o declínio da atividade agrícola</u>, os trechos foram sendo desativados, encerrando em definitivo em 1966” expressa valor semântico de causa, equivalendo a “porque houve o declínio”, o que implica a consequência: “os trechos foram sendo desativados, encerrando em definitivo em 1966”.</p> <p>Portanto, são descabidas as demais opções: consequência, conclusão, condição e comparação.</p>	INDEFERIDO.	(D)
09	(C) transitiva direta e indireta	<p>A locução verbal sublinhada no trecho “Em 1889, o recém-criado governo republicano <u>decide elevar</u> a Vila à categoria de cidade” (linhas), caracteriza-se como bitransitiva, ou seja, transitiva direta e indireta. Tem, por conseguinte, como objeto direto o termo “a vila” e, como objeto indireto, “à categoria de cidade”.</p> <p>Observe-se que o comando da questão se refere à locução verbal em destaque, e não a cada um de seus componentes de forma isolada.</p>	INDEFERIDO.	(C)

		<p>Obviamente, estão incorretas as demais opções: <i>transitiva indireta</i> (com apenas um complemento verbal, preposicionado), <i>transitiva direta</i> (com apenas um complemento verbal, sem preposição inicial), <i>intransitiva</i> (sem complementos verbais) e <i>de ligação</i> (acompanhada por predicativo).</p>		
10	(B) injuntiva	<p>De acordo com o comando da questão - “O tipo textual predominante no fragmento ‘Venha conhecer de perto a cultura indígena’ é” –, a resposta correta relativa ao trecho destacado é <i>injuntivo</i>, tipo textual que se caracteriza por incitar o interlocutor a realizar algo. Observe-se o modo verbal no imperativo, marca linguística característica desse tipo textual, no fragmento em questão.</p> <p><u>Note-se que o comando se refere ao fragmento, e não ao texto como um todo.</u></p> <p>Estão, assim, incorretas as demais opções: <i>expositivo</i>, pois não se explicam, definem expõem fatos; <i>descritivo</i>, já que não se caracterizam, nem se qualificam seres, ambientes, sob um ponto de vista estático; <i>narrativo</i>, porque não se verifica mudança de estado, em um ponto de vista dinâmico e, tampouco, <i>dissertativo</i>, já que não se encadeiam proposições com o objetivo de defender algum ponto de vista.</p>	INDEFERIDO.	(B)